

PREFÁCIO

Este livro pretende apontar as interessantes possibilidades que o gênero biográfico pode proporcionar para a História e Filosofia da Ciência e da Tecnologia. Não pretende, porém, esgotar aqui essas possibilidades, mas demonstrar a riqueza de uma metodologia que pode (e deve) subsidiar temas correlatos na grande área interdisciplinar da Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS. Uma agenda que vem sendo apenas muito paulatinamente apreendida por alguns historiadores, em diálogo necessário com outros colegas das ciências sociais e humanas.

Embora ainda não com o desenvolvimento desejável e, sobretudo, ausente de um quadro de relações interdisciplinares que poderiam ser melhor aproveitadas, hoje é indiscutível que o contributo dos historiados para a compreensão de temas CTS se faz fundamental. Como forma de ponderar os excessos da perspectiva sistêmica que frequentemente se hegemoniza nessa área de estudos (sobretudo a partir dos circuitos *mainstream* e das revistas acadêmicas reputadas do “Norte global”), a perspectiva histórica e as ferramentas e metodologias da historiografia – i.e., a biografia, a história das ideias ou do pensamento (história intelectual), a prosopografia, etc. – proporcionam um manancial humanizador e empírico relevante para a compreensão da empresa científica no mundo contemporâneo.

Pretendemos assim com este livro, simultaneamente, assinalar tanto a coerência de uma metodologia (a biografia), como a pertinência de uma agenda de investigação em história da ciência, na sequência de outras iniciativas que, cremos, apontaram esse caminho. Três momentos de congregação acadêmica apontaram, precisamente, caminhos promissores para que a historiografia da ciência (e da tecnologia) se

interesse pela dimensão política, institucional e societal da ciência contemporânea: Barcelona (2008),¹ Lisboa (2015)² e Évora (2017).³

Por último, cabe aqui também um conjunto de agradecimentos: aos colegas que participaram do evento “História Biográfica e Intelectual da Ciência, Tecnologia e Inovação: Perspetivas filosóficas e visões de política,” decorrido em Évora, em Novembro de 2017, que, mesmo não participando deste livro, acabaram contribuindo com as discussões então ocorridas; aos colegas Tiago Brandão e Augusto José dos Santos Fitas em particular, pois acolheram e incentivaram o debate em torno do tema; naturalmente, aos autores que colaboraram com os seus contributos para este livro, trabalhando e melhorando sucessivamente as versões apresentadas anteriormente; em particular, os oradores convidados no evento de Évora, Hélène Gispert, Benoît Godin e João Caraça, que, indireta ou diretamente, contribuíram enormemente para a reflexão em torno da temática deste livro.

Por fim, o agradecimento aos revisores que, com seus comentários e crítica construtiva, permitiram que este livro seja de facto uma publicação de referência na área de História da Ciência e da Tecnologia: Ana Carneiro (CIUHCT / FCT-UNL), Adílio Jorge Marques (UFF, Brasil), Adriana Feld (CONICET / UNQ, Argentina), Álvaro Garrido (UC, Portugal), Ana Cardoso Matos (CIDEHUS / UE, Portugal), Ana Cristina Martins (IHC, Portugal), Ana Isabel Costa Febrero de Queiroz (IHC-NOVA | FCSH), Ana Paula Pires (IHC-NOVA | FCSH), Ana Simões (CIUHCT / FCUL, Portugal), António Augusto Passos Videira (UERJ, Brasil), Carlos Manuel Faisca (CM Pte. Sor, Portugal), Carolina Bagattolli (4P-UFPR, Brasil), Gilson Leandro Queluz (UTFPR, Brasil), Irina Podgorny (FCNM-UNLP, Argentina), Isabel Malaquias (UA, Portugal), João Carlos Moreira Tavares (AHM e IHC, Portugal), João Príncipe (UE, Portugal), João Rui Pita (CEIS20 / UC, Portugal), Jorge Fernandes Alves (FLUP, Portugal), José Luiz Assis (IHC-CEHFCI-UE), José Pedro Sousa Dias (MUNHAC-UL, Portugal), Laurinda Rosa

¹ Refiro-me ao workshop organizado por Albert Presas i Puig (2008), dedicado também a um tema de confluência da prática científica com a dimensão política: “Who is Making Science? Scientists as Makers of Technical-Scientific Structures and Administrators of Science Policy.”

² Trata-se do evento “Atores da Política Científica,” organizado colaborativamente pelo Instituto de História Contemporânea e o Arquivo de Ciência e Tecnologia da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ACT-FCT). <http://www.encontros.act.fct.pt/>

³ Vide <https://stihistory.wordpress.com/>

Maciel (COC, FIOCRUZ, Brasil), Leoncio López-Ócon (CSIC, Espanha), Luís Alberto Marques Alves (CITCEM / FLUP, Portugal), Luís Miguel Carolino (ISCTE., Portugal), Manuel Valente Alves (FMUL, Portugal), Maria Margaret Lopes (Unicamp, Brasil), Maria Paula Diogo (CIUHCT / FCT-UNL), Mário Lopes Amorim (UTFPR, Brasil), Marta Lourenço (MUNHAC-UL, Portugal), Martha Cecilia Bustamante (U. Paris 7, França), Olival Freire Jr. (UFBA, Brasil), Sara Albuquerque (IHC-CEHFCI-UE), Victor Navarro Brotons (UV, Espanha), Vítor Oliveira Jorge (FLUP). De assinalar ainda que esta publicação é resultado de uma profícua parceria entre o Instituto de História Contemporânea – IHC e a Universidade de Évora, consolidado hoje no Grupo Ciência – Estudos de História, Filosofia e Cultura Científica | IHC-CEHFCI-NOVA.⁴



Sobre a organização dos capítulos, alguns comentários: além da abertura com uma introdução temática, com cariz mais de reflexão historiográfica, os contributos foram organizados de forma cronológica; ao mesmo tempo, observam-se diferentes enfoques dentro do próprio género biográfico, sendo alguns mais vincadamente descritivos, ao estilo “vida e obra,” enquanto outros se focaram nalguma faceta particular do biografado; temos ainda contributos que adotaram uma metodologia de “biografia coletiva”: i.e., quase de prosopografia, como o texto de Jacqueline Souza Silva (cap. XII), sobre a elite científica que ajudou a fundar um Instituto científico no Nordeste brasileiro; em igual medida, um contributo mais de cultura material da ciência contemporânea, mas em que pontua uma metodologia assente na identificação de um conjunto de cientistas relevantes para a evolução da fotometria (cap. II).

Na sequência deste capítulo introdutório, cuja primeira parte de reflexão teórica pretendia trazer uma breve revisão do “estado da arte,” segue-se o contributo dado pela historiadora francesa da ciência, Hélène Gispert (cap. I), que logra aqui alcançar um equilíbrio assinalável entre

⁴ O IHC é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04209/2020 e UIDP/04209/2020. | The IHC is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UIDB/04209/2020 and UIDP/04209/2020.

reflexão teórica, dimensão empírica e contextualização, ao mesmo tempo que narra diversas facetas da vida do matemático Émile Borel. Cumpre assim o repto lançado inicialmente de nos fazer um balanço sobre a empreita biográfica, apontando as virtudes e os desafios desta metodologia historiográfica para um entendimento da ciência contemporânea.

Seguem-se um conjunto de capítulos que trazem vários elementos originais para compreender a evolução da ciência e da técnica em território português. Nomeadamente, o percurso de José Veríssimo d’Almeida, dado por João de Almeida Barata (cap. III), toca nas realidades da agricultura portuguesa e sua relação com o conhecimento técnico-científico, incluindo mesmo algumas considerações mais de natureza política sobre a relação entre Ciência e associativismo, no contexto do primeiro republicanismo português. De igual modo, os capítulos sobre Fonseca Benavides (por António Malveiro – cap. IV) e Manoel Pereira Bastos (por Nogueira *et al.* – cap. V), trazem a dimensão industrial, ilustrando como se davam as relações entre indústria, técnica e ciência em Portugal. Inês José (VI), por seu lado, com o biografado Joaquim Renato Baptista, traz os aspetos técnicos que a infraestrutura militar mobilizava à escala nacional.

Com o capítulo VII, temos um ícone da influência estrangeirada na cultura científica da primeira metade século XX português, mais concretamente com a influência de Charles Lepierre, ao que se segue outro contributo (cap. VIII) que dá uma medida fiel das tensões que condicionaram o apoio do Estado Novo à cultura científica e ao desenvolvimento industrial, mormente as tensões e contradições entre “engenheirismo,” “catolicismo social” e o núcleo duro do ideário do regime salazarista nos anos 40 a 60.

O capítulo de Manuel Correia (IX) revisita, em estilo ensaístico, uma das figuras mais marcantes da comunidade científica portuguesa da primeira metade do século XX, Egas Moniz, individualidade que já vem sendo objeto de diferentes biografias e, sobretudo, múltiplas representações que o autor procura aqui desconstruir, demonstrando assim as dificuldades que o género biográfico pressupõe. Já o capítulo XI mostra a riqueza da metodologia biográfica, inclusive ao resgatar aspetos da atuação de uma figura científica portuguesa de segunda linha, mas cuja atuação é, a diversos títulos, esclarecedora para entender as dinâmicas científicas e políticas (da comunidade científica portuguesa) vigentes durante o Estado Novo português. Já o capítulo X, por seu lado, debruça-se sobre uma figura de referência da história das políticas científicas, oferecendo uma visão ampla sobre vários assuntos relativos

à organização política da ciência, com pontos ainda de enorme atualidade na nossa contemporaneidade.

Do científico ao político, a diversidade dos temas “científicos” fica assim patente, nomeadamente no contributo de Luís Pereira e Isabel Malaquias (cap. XIII), sobre um dos grandes nomes da divulgação científica do século XX, Jacques Tiziou. Por fim, um autor central do ideário neoliberal é aqui tratado por Ricardo Noronha (cap. XIV), de um ponto de vista da Filosofia da Ciência, oferecendo vários enfoques instigantes para uma reflexão profunda sobre um cruzamento que é fértil, entre ideias políticas e filosofia do conhecimento.

Em suma, percorrendo século e meio de ideias e autores, por via de uma aproximação biográfica comum a todos os colaboradores, é possível termos assim uma medida interessante dos temas e desafios que condicionaram a implantação da modernidade científica (e técnica) em Portugal, incluindo-se aqui problemas que atingiram, em geral, as periferias mundiais – o caso brasileiro aqui presente é paradigmático de certo voluntarismo de personalidades que, ainda que distantes dos centros científicos, procuraram criar raízes para uma cultura científica autóctone, endogeneizando os pressupostos da modernidade civilizacional ocidental. Ao mesmo tempo, confirmando a transversalidade do livro, o último contributo considera a ascendência global da ideologia neoliberal, avançando num entendimento original sob o ponto de vista das ideias e da filosofia do conhecimento.

Maria de Fátima Nunes

Lisboa, Janeiro de 2020